

AUTORIDADE E LIBERDADE

SÃO UMA E A MESMA COISA

Aos Escritores Por Causa do Que Se Lê

Escritores:



Viver o fragmento do fragmento tem sido a ^{condição} ~~aspiração~~ sem a qual não de todos nós, portugueses. Já temos o fragmento de editor, o fragmento de leitor e o fragmento de biblioteca. Herdámos (cito-o de opiniões abalizadas): o melhor fragmento de barroco, o melhor fragmento de freira, o melhor fragmento de políptico e o melhor fragmento de mosteiro. Mantemos: o fragmento de atlântico, o fragmento de marquês, o fragmento de doutor e o fragmento de morto.

Neste fragmento perpétuo, só mais um fragmento podia efectivamente introduzir-se, patentear-se e afirmar: o fragmento de liberdade.

O QUE É O FRAGMENTO DE LIBERDADE

O fragmento de liberdade é um objecto tão repugnante que não é possível vê-lo duas vezes seguidas, nem alternadas. E já Raul Proença, no seu comentário à Renascença Portuguesa — um dos mais curiosos fragmentos de movimento de que se lembra o português — dava o seu fragmento de explicação. Trata-se dum guerra entre a Poesia e a

Prosa, representadas, esta, pelo sul, aquela pelo norte de Portugal. Também Fernando Pessoa, extraordinário fragmento de monárquico, aborda este problema, referindo-o, não sem leve resquido de ironia, à brandura dos modos republicanos para com os vencidos de 1910. A suspensória histórica do metropolita espiritual é aqui, de novo, magnamente apontada.

Mas, dir-me-eis, isso é história passada. Dir-vos-ei: parece-vos. Dir-me-eis: então? Dir-vos-ei: tenho um amigo que me garantiu que ao caminharmos para o futuro é o passado que conquistamos. Dir-me-eis: talvez, mas não é resposta. Dir-vos-ei: é resposta é. Só não está completa.

COMO SE OBTÉM O FRAGMENTO DE LIBERDADE

Pega-se num romancista. Mostra-se-lhe um livro de Maurice Nadeau, barra-se muito bem barrado com manteiga e vai ao forno a alourar. Tira-se e sai um frango com ferragens, cristaleiras, crítica, muita crítica e diversos.

Outra:

Pega-se num elefante. Diz-se-lhe que é parvo e chama-se para o grupo. Ele vai e atira a casa abaixo, soterrando quem estava e quem não estava.

Outra:

Pega-se num estudante. Mete-se num banho de casquiforite (resíduo humano a 300 graus negativos) e chama-se-lhe ensino, para animar. Ao fim de três imersões, está obtido o fragmento.

Outra:

Mete-se a mão de Almeida Garrett no túmulo de S. Frei Gil, há muitos anos removido para outro túmulo. A mão remexe e não encontra o santo. À saída, a mão não encontra Almeida Garrett.

NA HIPÓTESE DE ESTAR SENDO,
O FRAGMENTO DE LIBERDADE SERÁ UM ORGANICISMO
(PROF. GERALDES BARBA)?
UMA INORGÂNICA SUPERIOR (ANTÓNIO MARIA LISBOA)?
UM ABJECCIONISMO (PEDRO OOM)?
EDIÇÕES SIM MAS DAS BARATAS (MÁRIO HENRIQUE LEIRIA)?

Possivelmente: sim. No entanto, e no momento que passa, creio de mais interesse acrescentar o seguinte:

Com o dito fragmento introduziu-se OUTRO, tipo didático, pelo qual o português é convidado a imaginar que o fragmento de liberdade resulta do inchaço da autoridade; e, inversamente: que dum inchaço da liberdade resulta o fragmento da autoridade.

Ante este didatismo-pró-fragmento-contínuo à esquina da liberdade e à esquina da autoridade, creio ser meu dever de cidadão e de autor declarar as seguintes palavras fundamentais:



AUTORIDADE E LIBERDADE SÃO UMA E A MESMA COISA

(Fragmento de Poema)

Autoridade é do que é autor.

Só a autoridade confere autoridade.

A autoridade não é uma quantidade.

Todo o homem é teatro de uma inexpugnável autoridade.

Aquele que julga ser possível autorizar ou desautorizar a autoridade de outrem não sabe no que se mete.

Liberdade.

A liberdade conhece-se pelo seu fulgor.

*Quatro homens livres não são mais liberdade do que um só.
Mas são mais revérbero no mesmo fulgor.*

Trocar a liberdade em liberdades é a moeda corrente do libertino.

Pode prender-se um homem e pô-lo a pão e água. Pode tirar-se-lhe o pão e não se lhe dar a água. Pode-se pô-lo a morrer, pendurado no ar, ou à dentada, com cães. Mas é impossível tirar-lhe seja que parte fôr da liberdade que ele é.

Ser-se livre é possuir-se a capacidade de lutar contra o que nos oprime. Quanto mais perseguido, mais perigoso. Quanto mais livre mais capaz.

Do cadaver dum homem que morre livre pode sair acentuado mau cheiro — nunca sairá um escravo.

AUTORIDADE E LIBERDADE SÃO UMA E A MESMA COISA

Lisboa, Maio - 58

Mário Cesariny de Vasconcelos